

Oficina de Leitura – O VírusL

Maria do Amparo Ferreira Moraes

Orientação: Professor Doutor Rui Trindade

Julho de 2011

Projecto Final: Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Actividades Educativas

Lista de siglas

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

BE – Biblioteca Escolar

OL – Oficina de Leitura

PAA – Plano Anual de Actividades

ACD – Áreas Curriculares Disciplinares

ACND – Áreas Curriculares Não Disciplinares

CT – Conselhos de turma

MABE – Modelo de Avaliação das Bibliotecas Escolares

PEE – Projecto Educativo de Escola

PCE – Projecto Curricular de Escola

RI – Regulamento Interno

PCT – Projecto Curricular de Turma

GCT – Grupo de Trabalho Concelhio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. CONTEXTO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	5
2. BIBLIOTECAS ESCOLARES: FINALIDADES E DESAFIOS.....	7
3. O VÍRUS L – OFICINA DE LEITURA	11
4. ESPALHAR O VÍRUSL	17
5. AVALIAÇÃO DO VÍRUSL	19
CONCLUSÃO.....	22
BIBLIOGRAFIA	25
ANEXOS	27

“Ler é, antes de tudo, compreender”

Ezequiel T. da Silva (1992)

“Ler não é somente decifrar uma série de letras encadeadas numa certa ordem para formar palavras e frases, ler é compreender o funcionamento da linguagem e do pensamento. Ora, a aprendizagem da leitura não passa muitas vezes duma afinação mecânica sem ligação funcional com a língua”

René Lafite (1978)

INTRODUÇÃO

1. CONTEXTO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Na Escola, a promoção da leitura existe de uma forma paralela e complementar ao sistema de ensino, e prende-se essencialmente com o trabalho desenvolvido pelas bibliotecas escolares e com algumas actividades desenvolvidas na sala de aula. Pensar criar na Escola uma comunidade de leitores, fazia todo o sentido, principalmente se temos uma BE bem equipada ao nível de fundo documental livro, e por outro lado uma comunidade sem grandes hábitos de leitura.

Sendo a leitura uma porta que ao abrímos nos leva para a descoberta de novos conhecimentos, e dado o facto que desde a sua infância o homem desenvolve a sua mente através da leitura, com a continuação e aprofundamento do hábito de ler, transformamo-nos numa verdadeira fonte de informação, que vamos colocar em prática ao longo da vida, tanto no nosso dia-a-dia como na nossa vida profissional.

Ler não significa apenas identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e reter o que for importante.

É, por isso mesmo, que ler é um factor decisivo na maturidade da criança e do adolescente, no seu equilíbrio afectivo, na sua inserção no colectivo da escola e da comunidade em geral. Se pensarmos que nada desenvolve mais a capacidade verbal, que a leitura de livros, e que na escola aprendemos gramática e vocabulário mas, essa aprendizagem nada é comparada com o que se pode absorver de forma natural e sem custo, através da leitura regular de livros.

É importante que o acto de ler não esteja associado a uma tarefa penosa e desmotivante, para que o prazer de ler os acompanhe ao longo da vida.

Se a leitura deve ser um prazer, então deveremos ter sempre presente os direitos inalienáveis do leitor. (Pennac):

1. O direito de não ler

2. O direito de saltar páginas
3. O direito de não acabar um livro
4. O direito de reler
5. O direito de ler não importa o quê
6. O direito de amar os heróis dos romances
7. O direito de ler não importa onde
8. O direito de saltar de livro em livro
9. O direito de ler em voz alta
10. O direito de não falar do que se leu

Assim, ao pensar na oficina de leitura, a primeira ideia foi a de incentivar para o prazer de ler. Promover os livros recorrendo a diferentes actividades, e fazê-lo de forma continua, acreditamos que é uma via para criarmos leitores, tal como se refere no documento práticas de promoção de leitura nos países da ocde- 2007 “ a noção de práticas de promoção (ou de fomento) da leitura relaciona-se com a criação, junto de uma dada população, de competências de compreensão do código escrito (alfabetização), com a elevação dos níveis de leitura em geral ou relativamente a um suporte em particular (designadamente o livro), em quantidade e/ou em qualidade, com a elevação dos níveis de compreensão do texto escrito e da sua utilização quotidiana (literacia), ou ainda com o enraizamento dos hábitos e gosto pela leitura”.

Com este projecto pretendo explicar como foi criada a OL, o seu enquadramento na Escola e na BE, as actividades que desenvolve, a Semana da leitura como actividade que consideramos ser a que por excelência espalha o VírusL, e o impacto que tem tido nos intervenientes e na comunidade escolar. A OL surgiu com um vírus - O VírusL, que será o nosso vírus da leitura. Torná-lo numa crescente “virose” tem sido o nosso maior desafio.

2. BIBLIOTECAS ESCOLARES: FINALIDADES E DESAFIOS

No documento *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* (1997) pode ler-se na nota introdutória 1.4 que, “estudos sobre literacia, nacionais e internacionais, tem vindo a demonstrar que existe uma relação estreita entre a acessibilidade de espaços e recursos de leitura e o nível de desempenho dos alunos. Verifica-se também que, é nos países com tradição no domínio das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas, que os hábitos de leitura da população se encontram mais enraizados, sendo também esses países que registam níveis mais elevados de desenvolvimento cultural e científico”. Assim, a Biblioteca Escolar apresenta-se como um espaço na Escola, que deverá representar o papel central que lhe cabe no desenvolvimento do currículo, não se confinando ao seu espaço físico e temporal. Para tal a biblioteca escolar deverá disponibilizar serviços, livros, outros documentos e recursos, que permitam a todos os seus utilizadores tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação, em todos os suportes e meios de comunicação. Tendo sempre presente os objectivos definidos, e de acordo com o ponto 4.2.3 do documento *Lançar a rede de bibliotecas escolares* “, a biblioteca escolar deve constituir-se como um núcleo da organização pedagógica da escola, vocacionado para as actividades culturais e para a informação, tendo em vista realizar entre outros, os seguintes objectivos:

- Tornar possível a plena utilização dos recursos pedagógicos existentes, e dotar a escola de um fundo documental adequado às necessidades das diferentes disciplinas e projectos de trabalho;
- Permitir a integração dos materiais impressos, audiovisuais e informáticos, e favorecer a constituição de conjuntos documentais, organizados em função de diferentes temas;
- Desenvolver nos alunos competências e hábitos de trabalho baseados na consulta, tratamento e produção de informação, tais como: seleccionar, analisar, criticar e utilizar documentos; desenvolver um trabalho de pesquisa ou estudo, individualmente ou em grupo, a solicitação do professor ou de sua própria iniciativa; produzir sínteses informativas em diferentes suportes;
- Estimular nos alunos o prazer de ler e o interesse pela cultura nacional e universal;

— Ajudar os professores a planificarem as suas actividades de ensino, e a diversificarem as situações de aprendizagem;

— Associar a leitura, os livros e a frequência de bibliotecas, à ocupação lúdica dos tempos livres.”.

Assim, a BE constitui hoje um núcleo central para ajudar a alcançar os objectivos de aprendizagem, passando a ser um espaço que permite o encontro entre o físico e o virtual da informação, com o objectivo de a converter em conhecimento. Na BE a reflexão, a imaginação, a descoberta, a criatividade e a crítica deverão ser princípios fundamentais para que a aprendizagem ocorra nas diferentes áreas curriculares.

Para que tudo se conjugue, é importante que a adequação da BE em termos de espaço e de equipamento, seja a necessária para a escola/Agrupamento, seguindo para tal as orientações da RBE.

É importante que a Escola crie ambientes de aprendizagem estimulantes, baseados em projectos claros, coerentes e com real valor educativo e formativo. As actividades da BE foram planificadas para integrar o PAA, em conformidade com os documentos orientadores da RBE (o MABE), do Currículo Nacional e da Escola (PEE, PCE, RI) e também de acordo com o definido nos PCT.

No processo de prossecução das metas da Biblioteca Escolar, esta deve monitorizar de forma continuada todo o seu desempenho. Para tal existe o Modelo de Avaliação da Biblioteca Escolar (MABE), lançado pela RBE, que visa dotar as bibliotecas de um quadro de referência, e promover um instrumento ao serviço da melhoria contínua da qualidade, permitindo assim:

Contribuir para a afirmação e reconhecimento do seu papel.

Determinar o grau de consecução da sua missão e objectivos.

Aferir a qualidade e eficácia dos serviços e a satisfação dos utilizadores

Identificar pontos fortes e pontos fracos a melhorar.

Ajustar continuamente as práticas, com vista à melhoria dos resultados.

Conhecer o desempenho para se poder perspectivar o futuro

Esta avaliação implica uma aferição da qualidade e eficiência da Biblioteca Escolar, um envolvimento de toda a comunidade escolar, e também procura da melhoria através da acção colectiva.

Este modelo organiza-se em quatro domínios que sintetizam a acção da BE:

A- Apoio ao Desenvolvimento Curricular,

B- Leitura e Literacias,

C- Projectos, Parcerias e Actividades Livres e de Abertura à Comunidade,

D- Gestão da Biblioteca Escolar.

Com vista à elaboração do relatório de avaliação, e respectivo plano de melhoria, efectuados anualmente e apresentados em CP, é fundamental a recolha de evidências tais como:

Registos de observação.

Questionários aos professores, alunos, pais/EE, existentes no MABE

Registos estatísticos (das requisições domiciliárias, dos audiovisuais, dos computadores, do nível de ocupação da BE)

Informação contida em documentação que rege e estrutura a vida da escola e da BE.

Planificações.

Análise de trabalhos dos alunos.

Registos de reuniões/ contactos.

Registo de opiniões.

Materiais de apoio produzidos e editados.

Pretende-se que com esta avaliação, haja uma tomada de consciência por parte de alunos e de professores, da importância da BE nos resultados da aprendizagem, que se estreite a

cooperação entre os docentes e a BE, que haja um melhor conhecimento, e consequentemente uma maior rentabilização dos recursos da BE por parte de todos, e que as acções de melhoria se reflectam nos resultados escolares.

Em suma, “Um conceito fundamental que se associa à avaliação, na forma como ela é aqui entendida, é a noção de valor. O valor não é algo intrínseco às coisas, mas tem sobretudo a ver com a experiência e benefícios que dele se retira: se é importante a existência de uma BE agradável e bem apetrechada, a esse facto deve estar associada uma utilização consequente nos vários domínios que caracterizam a missão da BE, capaz de produzir resultados que contribuam de forma efectiva para os objectivos da escola em que se insere.” (RBE, 2010)

3. O VÍRUS L – OFICINA DE LEITURA

A BE/CRE de Pardilhó foi inaugurada em Fevereiro de 2007 e entrou para a RBE em Julho do mesmo ano. Situa-se no primeiro piso do bloco B, ocupando uma área de 131m² e está organizada por várias zonas que incluem: leitura informal, consulta, trabalho em grupo, zona de atendimento. Possui 5155 documentos dos quais 4507 são livros e 648 não-livros (DVDs, CDRs, VHS e CDAs), 9 computadores para trabalho individual e em grupo, dois postos para visionamento de vídeos e 4 leitores de CD-Audio. Serve todo o agrupamento desde a Pré ao 9º ano, uma vez que todas as escolas se encontram no mesmo espaço físico.

A BE/CRE aquando da sua candidatura à RBE, avaliou a colecção existente e determinou, conforme orientações da Rede, quais as suas necessidades de forma a cumprir os requisitos impostos pela RBE, e procede de igual forma aquando dos reforços de verba dados. Encontra-se bem equipada, com um fundo documental actualizado e diversificado, indo de encontro às necessidades dos seus utilizadores. Como resultado da avaliação realizada ao Domínio D – gestão e organização, foi considerada o espaço de eleição dos alunos na Escola, o que também foi conferido pela utilização elevada em todas as suas valências. Apresenta-se assim como um espaço educativo vocacionado para o estudo, a leitura, a defesa e promoção da cultura e do conhecimento, constituído por um conjunto de recursos físicos (instalações, equipamento), humanos (docentes e assistentes operacionais) e documentais (suportes impressos, audiovisuais e informáticos), organizados de modo a facilitar a sua utilização e a oferecer elementos que contribuam para a informação e formação da comunidade escolar.

Saliente-se que, na secção II do Regulamento Interno da BE/CRE estão definidos os objectivos deste núcleo de organização pedagógica:

1. Proporcionar condições que estimulem a comunidade educativa para o uso

frequente da BE/CRE;

2. Modernizar e actualizar a BE/CRE, para que se constitua como um centro de recursos de informação de diversa índole, capaz de estimular o trabalho pedagógico;

3. Proporcionar aos alunos um espaço aberto onde poderão encontrar apoio no desenvolvimento dos seus trabalhos e projectos;
4. Desenvolver o respeito pelo uso da propriedade comum, incutindo um espírito de cooperação e de partilha;
5. Facilitar o acesso à consulta e leitura de livros, jornais e revistas e outro tipo de documentação, procurando assim, dar resposta às necessidades de pesquisa/informação e lazer;
6. Fomentar o gosto pela leitura como instrumento de trabalho, de ocupação de tempos livres e prazer, contribuindo para o desenvolvimento cultural dos utilizadores;
7. Disponibilizar suportes de informação, com vista ao desenvolvimento da autonomia e à aquisição de competências de recolha, tratamento e utilização da informação;
8. Motivar os alunos para que recorram periodicamente à BE/CRE, como meio de informação e formação contínua;
9. Incentivar a participação activa dos alunos em actividades promovidas pela BE/CRE;
10. Estimular a criatividade e a curiosidade intelectual dos alunos, contribuindo para a sua educação, prazer e informação;
11. Divulgar o fundo bibliográfico existente na Biblioteca;
12. Promover actividades em articulação com todos os elementos da comunidade educativa.

Articulando os objectivos cinco e seis do regulamento interno da BE/CRE “Facilitar o acesso à consulta e leitura de livros, jornais e revistas e outro tipo de documentação, procurando assim, dar resposta às necessidades de pesquisa/informação e lazer; Fomentar o gosto pela leitura como instrumento de trabalho, de ocupação de tempos livres e prazer, contribuindo para o desenvolvimento cultural dos utilizadores;” com os objectivos do projecto Educativo, que têm o enfoque em “promover a formação integral (capacidades, atitudes e conhecimentos) através da construção de um currículo adaptado à realidade específica da população”, e ainda “promover a valorização da escolarização e da Escola junto da comunidade educativa”, propôs-se o projecto da oficina de leitura Virus L, ainda

no âmbito do projecto TEIP2, tendo em vista o reforço do acompanhamento de alunos em risco de abandono ou insucesso, desenvolvendo um programa de competências linguísticas e comunicacionais, assim como a melhoria das aprendizagens e do sucesso educativo.

Com este projecto pretendeu-se combater os fracos índices de literacia, que os resultados dos estudos revelam, pois “vieram mostrar que uma enorme percentagem de portugueses deixaram de ler logo que abandonaram a escola, tendo perdido capacidades neste domínio, porque o acto de ler ficou associado a uma tarefa penosa e desmotivante.” (Fernandes)

Deste modo, e ainda de acordo com Fernandes “para que haja uma verdadeira cultura do livro, no sentido do prazer pela leitura, é necessário que a tarefa primordial da apresentação do livro à criança comece pela família. O encontro criança/livro deverá ser continuado e intensificado nos jardins-de-infância, e muito mais desenvolvidos nas escolas, e poder-se-á dizer que é o pilar da formação ao longo da vida.”

Assim, e considerando também, que a leitura é o processo interactivo que se desenvolve entre leitor e texto, permitindo desta forma apreender e reconstruir o significado das leituras (Programa de Português do Ensino Básico), criou-se o projecto que tinha por princípios acção, trabalho, um lugar de transformações e que sendo desenvolvida por alunos do 2º e 3º ciclos, em articulação com a BE, pretendia diminuir a literacia, criar o gosto por ler, aumentar o nº de utilizadores da BE, divulgar o fundo documental e estreitar laços com os Encarregados de Educação, levando até à comunidade os Livros.

Ou seja, o vírus da leitura pretendia promover a leitura recreativa e espalhar o prazer de ler por todos, para que Escola se tornasse uma escola de leitores que seria comandada pela satisfação de interesses e ritmos individuais. Com esta disseminação pretendia-se desenvolver a capacidade de fruição estética e pessoal dos textos.

A população escolar em causa é maioritariamente proveniente de um meio desfavorecido, subsistindo o desinteresse pela escola / escolarização. Desta forma, não é reconhecido à Escola a sua importância na valorização pessoal e na promoção de oportunidades de desenvolvimento cultural e social. Acresce a falta de hábitos de leitura, provocada pelas dificuldades de acesso ao livro, tanto em casa como na freguesia. Neste contexto o

ambiente familiar é pouco estimulador, não permitindo o desenvolvimento da imaginação e do prazer de ler.

Em suma, através da criação e desenvolvimento do projecto, pretendia-se diminuir o afastamento entre comunidade e escola, aumentar os hábitos de leitura, criar uma escola de bons leitores, melhorar a qualidade do sucesso educativo e potenciar a formação integral dos alunos.

Tendo em conta que a escola tem um papel fundamental na sensibilização para a leitura, sendo por isso, um local por excelência para fomentar o gosto pela leitura, tornando-a um acto de prazer.

Como refere Valadares “Para que se estabeleça uma relação afectiva com a leitura, é necessário que se criem situações motivadoras e propiciadoras do prazer do acto.” (2007: 7)

Acreditando que o gosto por ler se aprende e cultiva, criámos a OL tendo em conta os seguintes objectivos:

- Motivar para a leitura;
- Aumentar os níveis das literacias;
- Criar um ambiente social favorável à leitura;
- Espalhar o VírusL, o vírus da leitura;
- Estimular afectos pela partilha na leitura;
- Formar alunos para a frequência da BE;
- Promover hábitos de leitura;
- Tornar os alunos leitores;
- Divulgar a Biblioteca Escolar junto da comunidade educativa;
- Integrar os alunos na dinâmica da BE;
- Capacitar os alunos para a participação e contribuição positiva na comunidade;

- Criar utilizadores para o futuro;
- Fomentar as aprendizagens ao longo da vida.

Com estes objectivos pretendíamos desenvolver competências mais alargadas no âmbito da leitura. Nomeadamente apreciar textos variados e de forma autónoma e eficaz; participar em situações de interacção oral e desenvolvimento das capacidades comunicativas; criar laços entre alunos de diferentes idades e ciclos e por fim desenvolver leitores proactivos.

Este projecto pretendia criar situações de leitura que satisfizessem as necessidades dos alunos, os seus gostos e a sua curiosidade.

Tinha como público-alvo os alunos do 2º e 3º ciclo, por serem mais autónomos e leitores mais eficazes, pois era nossa intenção promover acções ao nível de toda a escola, desde o pré-escolar ao nono ano, para que nos tornássemos uma escola de Bons Leitores.

Assim, foi divulgado à comunidade escolar o projecto, tendo os alunos de forma espontânea, aderido massivamente ao mesmo.

Para desenvolvermos o projecto tínhamos um tempo de quarenta e cinco minutos, em horário compatível com todos os alunos da escola. Porém, por ser manifestamente pouco, tivemos que condicionar as inscrições a um número limite de intervenientes.

Actualmente contamos com vinte e três alunos, que vão do quinto ao nono ano de escolaridade; muito heterogéneos, tanto na idade como na performance em termos de leitura e de aprendizagem. Contamos ainda com uma professora de língua portuguesa e com a professora bibliotecária.

Na primeira reunião do grupo apresentaram-se os objectivos da OL, e pediu-se aos alunos que apresentassem sugestões que fossem de encontro ao nosso objectivo maior, “Tornarmo-nos uma Escola de bons Leitores”.

Tendo em conta os objectivos estabelecidos anteriormente, desenvolveram-se várias acções com vista a espalhar o Vírus L. Iniciou-se com uma campanha de promoção do Vírus L junto da comunidade escolar, que decorreu durante o primeiro período. Nessa campanha fizeram-se cartazes e anúncios na rádio escolar. (anexo 1) Conjuntamente

criou-se o Bilhete de Identidade da Leitura, que consistia num cartão de leitura(anexo 2), que seria carimbado sempre que um aluno requisitasse um livro. No final do ano os alunos com os BI mais carimbados seriam premiados.

Os alunos seleccionaram os livros que iriam pertencer ao Livro +. Esta proposta pretendia levar os alunos dos três ciclos a ler livros sugeridos pelos seus pares da oficina. Pretendíamos que os alunos aderissem de forma espontânea ao livro do período, o requisitassem e quando o entregassem, manifestassem a sua opinião sobre o mesmo. (anexo 3)

Consideramos que a motivação para a leitura na escola é um trabalho constante e lento. Para isso, consideramos ser importante a divulgação de leituras aos três níveis de ensino. Os nossos alunos escolheram os livros mais adequados a cada grau de ensino, orientados por nós, preparando a leitura expressiva e dramatizada dos contos e histórias de autores portugueses e estrangeiros da literatura infanto-juvenil.

No dia Mundial da poesia desenvolvemos uma actividade, que se destinou a toda a escola, de divulgação do texto poético. À mesma hora, os alunos da oficina dirigiram-se a todas as salas de aula, e declamaram um poema previamente seleccionado e treinado na OL.

Mas, a leitura está mais além do simples acto de pegar num livro e ler. Tendo isto em conta, apresentámos uma peça de teatro “Tarte de Mamute”. Esta peça resultou da adaptação da obra com o mesmo nome. Foi realizada por mim e por colegas de grupo no módulo Ler na Escola, Ler na família, na pós-graduação: Leitura, Aprendizagem e Integração das Bibliotecas nas Actividades Educativas. Para encenarmos esta peça, tivemos a colaboração do animador da BME. A peça foi a cena durante a semana da leitura e destinava-se aos alunos do 2º e 3º ciclo e também à comunidade educativa. Para isso, fizemos duas apresentações. Todos os alunos da oficina participaram nesta actividade de forma activa e empenhada.

Para finalizar, apresentámos uma actividade de divulgação do trabalho realizado na OL à comunidade escolar. Constava de histórias Animadas, pequenas encenações e declamações tudo à volta do livro. (anexo 4)

4. *ESPALHAR O VÍRUSL*

A Semana da leitura é tradicionalmente dinamizada no mês de Março. Destina-se a criar um ambiente festivo à volta dos livros, pretendendo fomentar/reforçar a adesão dos alunos e da comunidade em geral e o desejo de ler mais. Desta forma contribui significativamente para a valorização da leitura junto das crianças e jovens e da população adulta, propiciando a aproximação da Escola à comunidade. A Semana da Leitura envolve a Biblioteca Municipal, a autarquia, escritores, animadores, para além de docentes, alunos, pessoal não docente e encarregados de educação, mobilizando assim a comunidade, para a celebração festiva da leitura e do livro.

Elegemos a Semana da Leitura como acção de campanha para espalhar o VírusL. Decorreu de 14 a 18 de Março (anexo 5), sendo uma acção concertada com todas as BE do concelho e BME. Pretendeu-se desenvolver diversas actividades, que pretendiam valorizar o esforço na promoção da leitura aos olhos das crianças e adultos, e ao mesmo tempo criar um elemento de agradável novidade na vida da escola. De acordo com estes princípios em vista, planificou-se tendo em conta o público-alvo, a sua adequação e os objectivos da OL.

“Para que haja um encontro feliz entre o texto e o leitor, deve haver uma série de condicionantes que possibilitem uma óptima e fiel interpretação da mensagem. O suporte físico, a forma do livro, os caracteres gráficos e as ilustrações, são importantes na construção de estratégias apelativas. A apresentação pode condicionar a recepção. O livro é o objecto mediador entre o autor e o leitor. Deste modo, o envolvimento entre as crianças e os livros pode ser gerado em muitas circunstâncias da vida, tais como num ambiente de família, entre amigos, na escola ou na biblioteca. Para fomentar hábitos de leitura, cabe a estas duas últimas instituições a responsabilidade de criar programas especificamente dirigidos às crianças, que desenvolvam ao longo do ano, um projecto coerente para formação de novos leitores. O contacto com os livros deve ser promovido o mais cedo possível. Todas as crianças têm no seu íntimo um leitor oculto, que deve ser provocado a revelar-se, incitado de várias formas para que a leitura se torne não só um hábito, mas também um prazer. “ (Fernandes).

Tendo em conta o que disse Fernandes, é necessário que os leitores contactem com o livro o mais precocemente possível e que o manuseiem de forma a revelar o leitor oculto. Assim, e aproveitando a semana da leitura, a OL desenvolveu algumas actividades destinadas a toda a população escolar. (anexo 6)

Utilizando o espaço da BE iniciámos com o pré-escolar, onde foram feitas três leituras de livros recentemente chegados à BE, escolhidos com a orientação prévia das educadoras, que procuravam abordar temáticas que os alunos estavam a trabalhar: “Quem quer um rinoceronte barato?”, “A girafa que comia estrelas” e “A branquinha e o maior buraco da Terra”. Treinaram as leituras de modo a serem expressivas e captarem a atenção dos alunos, manuseando o livro de forma a que eles acompanhassem a leitura e a associassem às imagens, tendo como objectivo dar a conhecer novas histórias e também estimular o gosto pela leitura.

Para o primeiro ano, a OL apresentou uma leitura da obra “Todos no Sofá”. Esta leitura permitiu a interacção entre leitor e ouvinte, através da repetição de expressões que acompanhavam a história.

Aos alunos do segundo ano foi-lhes apresentada uma leitura coral da obra “Oh Boris”, onde através da personificação dos animais, se desenvolvia a temática da amizade.

Para o terceiro ano foram dramatizadas adivinhas retiradas da obra “Adivinhas coloridas”. A temática escolhida foi os animais domésticos e permitiu que os ouvintes interagissem com os leitores, através da identificação do animal de cada adivinha.

Para terminar o primeiro ciclo, destinada ao quarto ano, foi escolhida a obra “28 Histórias para rir”, de onde foram seleccionados três histórias humorísticas que foram recontadas pelos leitores.

Para finalizar esta semana, apresentámos a peça de teatro “Tarte de Mamute”(anexo 7), destinada aos alunos do segundo e terceiro ciclos e comunidade. Esta actividade foi aglutinadora de todos os alunos da OL, pois todos participaram. A peça retratava uma história de sobrevivência, com diálogos acessíveis aos alunos e só alguns adereços. Para a concretização da peça contamos com o apoio do animador da Biblioteca Municipal de Estarreja, que preparou algumas coreografias que se acrescentaram ao texto original, enriquecendo-o e tornando-o desta forma mais dinâmico.

5. AVALIAÇÃO DO VÍRUS L

A OL têm pautado a sua actuação pela diversificação de actividades promotoras da leitura, pretendendo valorizar a escola e o gosto pela leitura. Na avaliação efectuada trimestralmente pelo Conselho Pedagógico, refere-se que a OL tem conseguido contagiar os alunos com o Vírus L, e que as actividades promovidas foram de encontro ao imaginário das crianças. Considerou-as bem programadas, de impacto positivo e cativantes. Refere ainda que os alunos manifestaram especial agrado pelo facto de ouvirem colegas e outras pessoas, que não o professor, contar histórias.

Realça também o facto de estas actividades promoverem a inter-relação entre ciclos, e onde sobressai a adesão de toda a comunidade escolar.

É de salientar ainda, o empenho e entusiasmo dos alunos intervenientes, o desenvolvimento da competência da leitura e o aumento do número de leitores da biblioteca. (anexo 8)

Trimestralmente, também nós reflectimos criticamente sobre o trabalho realizado, tendo em vista a reformulação ou adequação dos objectivos e das estratégias implementadas na OL. Assim, fazemos a auto-avaliação de cada período, tendo para isso questionado os alunos, e com base na sua opinião, redigimos um relatório onde apresentámos os pontos fortes e as dificuldades sentidas durante esse espaço de tempo.

Assim, os alunos consideraram que melhoraram globalmente os seus resultados escolares: “ A OL ajudou-me nas apresentações orais, melhorei o meu contacto visual e o meu tom de voz”. (Mariana 6ºAno - 1ºano na OL); “A OL ajudou-me a interpretar melhor os testes” (Eva 5º Ano – 1º ano na OL); “A OL permitiu-me melhorar e enriquecer o meu vocabulário” (Mafalda 9º Ano – 2º ano na OL), ” A OL ajudou a tornar-me menos tímida e a ter menos vergonha e melhorei nas pausas” (Soraia 6ºAno - 2ºano na OL), “Antes da OL, quando fazia uma apresentação oral parecia que ia para o pólo norte de calções e t-shirt” (Tiago 6ºAno -2ºano na OL)”.

Sentiram-se ainda mais motivados para a leitura, “A OL tornou-me um leitor mais completo” (Bruno 6ºAno - 2ºano na OL).

Permitiu espalhar o gosto pela leitura aos outros, “Agradou-me sempre o facto de poder espalhar o gosto pela leitura.” (Mafalda 9º Ano – 2º ano na OL), “A OL é divertida e permitiu-me expressar aos outros o meu enorme gosto pela leitura” (Noemi 8º Ano - 2º ano na OL), “Criámos novos adeptos do VírusL – o nosso objectivo, espalhar o VírusL, está a ser conseguido” (Tiago 6º Ano- 2º ano na OL); “Estamos num bom caminho para termos uma escola de bons leitores” (Fátima 6º Ano - 2º ano na OL)

Permitiu a interacção entre os pares e os ciclos, “Os alunos precisam de ser dinamizados e é importante serem-no pelos seus pares. A interacção entre os diferentes graus de ensino foi um dos aspectos mais positivos e a OL é um grupo de dinamização de leitura na Escola.” (Mafalda 9º Ano - 2º ano na OL), “Os mais pequenos ganharam imenso: interagem mais connosco e passaram a gostar de ler” (Irina 6º Ano – 2º ano na OL), “Todos gostaram do que fizemos e pediram para se fazer mais” (Bruno 6º Ano - 2º ano na OL), “Criou-se uma maior aproximação entre os alunos dos diferentes ciclos” (João 9º Ano - 2º ano na OL)-

A OL ajudou a realçar a importância da BE, como espaço dinâmico e de interacção, “A Escola ganhou muito com a OL, a BE passou a ser mais frequentada.” (Mafalda 9º Ano - 2º ano na OL)

A OL contribuiu para uma nova visão da Escola, “A Escola ganhou mais cultura” (Mariana 6º Ano – 1º ano na OL), “A escola passou a ter curiosidade pelas apresentações que a OL realiza” (Soraia G. 6º Ano – 1º ano na OL), “A OL ajudou a passar para a comunidade que a Escola sabe fazer projectos fantásticos, tem alunos que se empenham. Começam a tomar consciência da qualidade dos alunos” (Noemi 8º Ano – 2º ano da OL)

Desde que a OL começou com as suas actividades, nota-se uma adesão crescente da comunidade às actividades promovidas, e reflectiu-se também no aumento do número de requisições e de utilizadores. Nas actividades realizadas este ano, notou-se de imediato uma procura significativa dos livros escolhidos para a realização das actividades, bem como de outros com temáticas semelhantes. “ O facto de a BE estar bem equipada permitiu-me escolher melhor os livros que leio.” Bruno 6º Ano (2º ano na OL)

Como aspecto menos conseguido, podemos realçar o pouco tempo destinado à oficina e a limitação dos alunos envolvidos. “É pena não poder haver mais alunos na OL. São muitos os que querem participar neste projecto” (Caroline 6º Ano - a frequentar a OL desde o 2º

período), "Gostamos tanto que devíamos ter vindo desde o seu início" (Francisca 6º Ano - a frequentar a OL desde o 2º período)

Em suma, iniciámos o projecto com o grande objectivo de motivar, estimular e criar bons leitores. Pensamos que hoje a nossa escola está mais aberta para a leitura e para a sua importância na vida académica e no lar. Os nossos alunos são mais e melhores leitores. Pensamos que conseguimos começar a espalhar o Vírus L (Vírus da leitura), no entanto sabemos que ainda falta um longo caminho, mas os sucessos deste ano estimulam-nos e dão-nos força para continuar. "O verbo ler não suporta imperativo. É uma aversão que compartilha com os outros: o verbo «amar»...o verbo «sonhar»..."(Pennac).

CONCLUSÃO

“Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação” (IFLA/Unesco, 1999, p. 1). Quando iniciei as minhas funções como coordenadora da Biblioteca, no ano lectivo de 2007/2008, uma das minhas principais preocupações foi realizar formação, pois ao aceitar este desafio a minha formação nesta área era nula, apenas tinha consciência da importância que a BE deveria passar a ter na Escola, uma vez que tínhamos acabado de entrar para a RBE.

A formação tem sido fundamental, bem como a partilha entre colegas. Aquando da publicação de legislação – portaria 756/2009 de 14 de Julho, que regulamenta a figura do professor bibliotecário, já tinha desempenhado o cargo de professora bibliotecária a tempo inteiro, por proposta da coordenadora interconcelhia à RBE, e agora como PB nos dois anos últimos anos.

Tal como é referido na *portaria 756/2009, Artigo 3.º Conteúdo funcional*:

1 — Ao professor bibliotecário cabe, com apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento.

2 — Sem prejuízo de outras tarefas a definir em regulamento interno, compete ao professor bibliotecário:

a) Assegurar serviço de biblioteca para todos os alunos do agrupamento ou da escola não agrupada;

b) Promover a articulação das actividades da biblioteca com os objectivos do projecto educativo, do projecto curricular de agrupamento/escola e dos projectos curriculares de turma;

c) Assegurar a gestão dos recursos humanos afectos à(s) biblioteca(s);

- d) Garantir a organização do espaço e assegurar a gestão funcional e pedagógica dos recursos materiais afectos à biblioteca;
- e) Definir e operacionalizar uma política de gestão dos recursos de informação, promovendo a sua integração nas práticas de professores e alunos;
- f) Apoiar as actividades curriculares e favorecer o desenvolvimento dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada;
- g) Apoiar actividades livres, extracurriculares e de enriquecimento curricular incluídas no plano de actividades ou projecto educativo do agrupamento ou da escola não agrupada;
- h) Estabelecer redes de trabalho cooperativo, desenvolvendo projectos de parceria com entidades locais;
- i) Implementar processos de avaliação dos serviços e elaborar um relatório anual de auto-avaliação a remeter ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares (GRBE);
- j) Representar a biblioteca escolar no conselho pedagógico, nos termos do regulamento interno.

Exercer esta multiplicidade de tarefas requer formação, muita disponibilidade, conhecer a Escola, a Comunidade, comunicar/planificar com os vários ciclos, presença no CP e nas reuniões de CT, ACND, GTC e outras relevantes e constitui um permanente desafio. Na BE de Pardilhó foi facilitador para exercer este cargo, o facto de conhecer bem a Escola, de nos encontrarmos todos no mesmo espaço físico (pré-escolar até ao 9º ano), a minha presença sempre no CP, e integrar o grupo de coordenação TEIP tem permitido tornar a BE efectivamente num “espaço atraente”, acolhedor e acima de tudo estimulante para os seus utilizadores, constituindo um contributo essencial para o sucesso educativo e afirmando-se como um recurso fundamental para o ensino e para a aprendizagem. A criação da OL surgiu de uma forma natural, dado o envolvimento que alguns alunos tiveram desde o início com a BE e com outra experiência de oficina de Leitura, juntando à necessidade que considerava importante promover na Escola hábitos de leitura, pois possuíamos os livros e alunos interessados em promovê-los. O grupo é muito heterogéneo tanto ao nível de idades como de aprendizagem, nem todos eram leitores e na sua maioria

possuíam dificuldades na leitura oral. O trabalho inicial foi de conhecimento mútuo, explorar com eles os livros existentes e tentar adequá-los ao público-alvo. Preparar as leituras ou actividades relacionadas com a dinamização do livro é tarefa morosa, pois exige conhecimento do livro, uma leitura expressiva e realizada com algum à vontade. Criar estas dinâmicas num grupo tão heterogéneo exige tempo e acima de tudo compreensão pelos diferentes ritmos, num reforço sempre positivo de modo a incutir confiança e responsabilidade, pois a tarefa que irão realizar representa uma mais valia para a Escola, ajudando-a a ter mais alunos leitores. Fomos construindo identidade, autonomia, autoconfiança e acima de tudo gostamos do que fazemos e queremos continuar a fazê-lo. Notou-se o desenvolvimento e a melhoria nas apresentações orais, são alunos mais responsáveis, cumprem com as suas tarefas e disponibilizam-se voluntariamente para outras. Novos alunos querem integrar a OL, mas poucos o poderão fazer, pois o tempo disponibilizado pela Escola é manifestamente pouco. Para além do trabalho realizado directamente com os alunos, há ainda o trabalho de preparação, concepção e avaliação de toda a dinâmica da OL.

Na Escola começa a ser visível a identidade da OL, reconhecem a importância do trabalho realizado, favorece efectivamente as relações entre alunos de diferentes ciclos e acima de tudo promove leitores. Acreditando que não há situações milagrosas, mas o trabalho diário e contínuo tem levado realmente ao surgimento de mais e melhores leitores.

BIBLIOGRAFIA

- AGUALUSA, José Eduardo (2008). “A girafa que comia estrelas”. Lisboa. Publicações D. Quixote
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E DE BIBLIOTECAS (2000).”Manifesto das Bibliotecas Escolares - UNESCO”. Lisboa. ME. GRBE. (tradução)
- FERNANDES, Celina Busto (s/d). “Promoção da leitura”. Lisboa (trabalho de Mestrado em Ciências Documentais policopiado)
- GAY, Marie-Louise (2010). “A branquinha e o maior buraco da terra”. Lisboa. Livros Horizonte
- JEANNE, Willis (2008). “Tarte de Mamute”. Lisboa. Livros Horizonte
- NEVES, João Soares & BORGES, Maria João L. V. (2007). “Práticas de promoção de leitura nos países da OCDE”. Lisboa. GEPE
- PENNAC, Daniel (2010). “Como um Romance”. Alfragide. Edições Asa
- POSLANIEC, Christian (2006).”Incentivar o prazer de ler - actividades de leitura para jovens”. Porto. Asa Editores, S.A.
- SALGUEIRO, Tiago (2008). “Adivinhas coloridas”. Porto. Âmbar
- SEQUEIRA, Maria de Fátima (2009).” Formar leitores – O contributo da biblioteca Escolar”. Lisboa. Grafis, CRL
- SHEL, Sillverstein (2010). “Quem quer um rinoceronte barato?”. Figueira da Foz. Bruaá
- SOARES, Almira (2003). “Como motivar para a leitura”(2003). Lisboa. Editorial Presença
- SOARES, Luisa Ducla (2001). “Todos no sofá”(2001). Lisboa. Livros Horizonte

- VALADARES, Lúcia (2007). “Leitura – práticas sedutoras”. Vila Nova de Gaia. Edições Gailivro
- VEIGA, Isabel & et al (1996). “Lançar a rede de bibliotecas escolares”. Lisboa. ME. Coleção Educação para o futuro
- VITORINO, Maria José (2006). “Diretrizes da IFLA para Bibliotecas escolares 2002”. Vila Franca de Xira. (tradução)
- WESTON, Carrie (2008). “Oh Boris”. Lisboa. Livros Horizonte
- WÖLFEL, Ursula (2006). “ 28 histórias para rir”. Lisboa. Kalandraka

ANEXOS



O VírusL vai andar aí...

Oficina de leitura



Nome do aluno: _____

[illegible]

Nome do aluno: _____

[illegible]

Nome do aluno: _____

[illegible]

Nome do aluno: _____

[illegible]



Oficina da leitura – 2009/10



14 A 18 DE MARÇO

S
E
M
A
N
A

D
A

L
E
I
T
U
R
A



LEITURA – ENERGIA – FLORESTA



Semana da Leitura 2011



Tarte de Mamute
2011



Dados estatísticos

		2008/2009	2009/2010	2010/2011
Nº de utilizadores do serviço de empréstimo (alunos, professores, assistentes operacionais, EE)		230	250	260
Nº de requisições	Documentos impressos	2015	2425	2555
	Documentos (áudio, vídeo, DVD e CD R)	44	99	203
				16
	TOTAL	2059	2524	2758